



ILUSTRACÃO
PORTUGUEZA

Qual será o meu futuro?
 Quereis desvendar um mysterio?
 Serei feliz no negocio que fôr tratar?
 A pessoa a quem eu amo é-me fiel?
 Quereis saber isto tudo, ide consultar



CONSTANÇIA RODRIGUES

Das 10 da manhã às 8 da noite, excepto aos domingos

LISBOA

Rua do Loreto, 50, 2. D.

MESQUITA & VILA NOVA LT. DA
 Ourivesaria e Joalheria

Completo sortido — Compra puro
 58. Travessa de S. Domingos, 60

Plissados

Executam-se pelo systema
 de Paris na

RUA DO AMPARO, 66, 3.º, E.



Coroas

Onde ha o mais chic
 sortido e que mais ba-
 rato vende, por ter
 fabrica propria, e na
Camelia Branca
 L.º D'ABEGOARIA, 50
 (ao Chiado) - Tel. 3270

PLISSADOS

Em todo o genero, os mais perfectos
 20 anos de pratica

Madame Valente

Conde Barão, 93, 1.º — Tel. f. 3845
 Filial: C. do Duque, 3, s/l (ao Rocio)

M. ME Tula

Campo Grande, 264, 2.º — LISBOA



Para consultas de atrasos de vida,
 desarmonia no lar, negocios atrapa-
 lhados, mal de



que não conhe-
 cem a causa, in-
 imizades, sofri-
 mentos fisicos ou
 moraes e qual-
 quer assunto de
 natureza reser-
 vada 10 escudos
 cada consulta.
 se a vida de v.
 ex.ª corre mal se
 os seus sofrimen-
 tos são antigos,
 tenha confiança
 em M. me Tula

que a curará e lhe dará a Paz e Fel-
 lidade desejadas.

Informações por carta 1
 Escudo. (1\$000 rs.)

Consultas das 15 ás 18

SEMORI

É o melhor desinfectante
 para a "toilette" intima
 das senhoras. Vendem:
 A D. Marques, Limitada
 — Rua do Ouro, 200 —

OTALGAN

Cura em 1 ou 2 dias as dores e infla-
 mações de ouvidos, fazendo des-
 parecer surdez:

Medicamento de fama universal prepa-
 rado pelo Instituto Seroterapico de
 Dresden.

DEPOSITARIOS GERAES

CORREIA & VALENTE, L.ª

R. dos Fanqueiros, 30, 2.ª

A' venda em todas as boas farmacias

Companhia de Seguros GARANTIA

Fundada em 1853 — Sede no PORTO

(Edifício proprio)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro
 de 1918 — Esc. 6.579.529\$26

CAPITAL MIL CONTOS

(Inteiramente realisado)

Effectua seguros terrestres, agrícolas,
 industriaes, de automoveis,
 trespasses, marítimos e de minas.

SEGUROS DE VIDA.

AGENTES.

José Henriques Tota, Ltd.

BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 centra.

LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 796

Lisboa, 21 de Maio de 1921

30 Centavos



FAITH CELLI e o seu gato favorito
A popular e grande actriz em a arte sobre todas as coisas e o seu gato como a si mes na

CRONICA DA SEMANA

A reparação dos *Sinos de Corneville*, em festa de Henrique Alves, trouxe-nos á memoria os bons tempos do Ribeiro, da Ester, do Augusto, da Herminia e de Queiroz, este ainda vivo e são, felizmente, e fez-nos saudades... Porque então se representava melhor do que actualmente, como afirmam velhos caturras? Tal não é licito dizer; cantava-se peor, sem duvida e, quanto á declamação, as pessoas imparciaes dirão que não era melhor nem peor, mas sim diferente, pois que a arte evolucionou, como tudo o mais, seguindo os costumes. Comparem-se os movimentos das coristas de então, quando acompanhavam o celebre

Olhai, olhai,
Examinai
Que isto é bom
E' bom de lei

com os que executam as de agora, e as conclusões não serão a favor d'umas contra as outras; na primitiva, as pobres raparigas ruxavam comedidamente o saiote, deixando ver apenas dois dedos de perna acima do tornozelo; hoje, limitam-se a apontar, porque a fimbria da saia desce pouco abaixo da cintura e tudo o que «é bom de lei» já está á vista do publico. Nem a estetica nem a moral decresceram, no teatro ou fóra d'êle; a plateia, que se contentava em ver um quasi-nada de perna e que se ofenderia se lhe mostrassem mais, não tinha maiores melindres do que aquella que vê com indiferença a perna e quatro quintas partes da coxa, mas... a reparação da opereta fez-nos saudades, precisamente porque então o espirito e a gloria menos esforços do autor e do actor, para se impressionar. O espirito e a carne.

E' de boa pratica pôr de remissa as criticas de origem americana e assim só oficialmente confirmado se deve acreditar no que diz o seguinte telegrama:

«O celebre inventor Edison, em resposta do pedido d'um ex-meio que submeteu os seus empregados, declarou que os que tinham frequentado os estabelecimentos publicos de ensino superior eram os mais ignorantes.»

Não sabemos como é ministrado o ensino nos Estados-Unidos, mas custa-nos a crer que não seja gradual e que o dos estabelecimentos superiores não seja o ultimo termo n'uma progressão de conhecimentos, sem os quais o respectivo curso não se possa obter. A unica hypothese aceitavel, a explicar a declaração de Edison, é que talvez os estudantes leiam tanto que tresleiam, á semelhança do que acontece em certo paiz d'aquem-Atlantico, onde nas primeiras classes de instrução primaria se

oprimem os cerebros infantis com o que antigamente se pedia para um bacharelato, de maneira que ao chegar á carga maxima, nas universidades — estoiram ou encorticam definitivamente.

E já agora deixem-nos acentuar, para evitar maus juizos, que os autores d'alguns compendios adoptados nas primeiras lettras e nas primeiras sciencias fazem o possivel por atenuar essa oppressão e d'ela não são culpados: aqui temos á mão, para exemplo, uma geometria elementar, aprovada oficialmente, que depois de dar a definição classica de linha recta, explica com toda clareza, que se faz idéa do que isso seja «esticando bem um fio de seda tirado do casulo.»

Não se pode levar mais longe o ensino experimental.

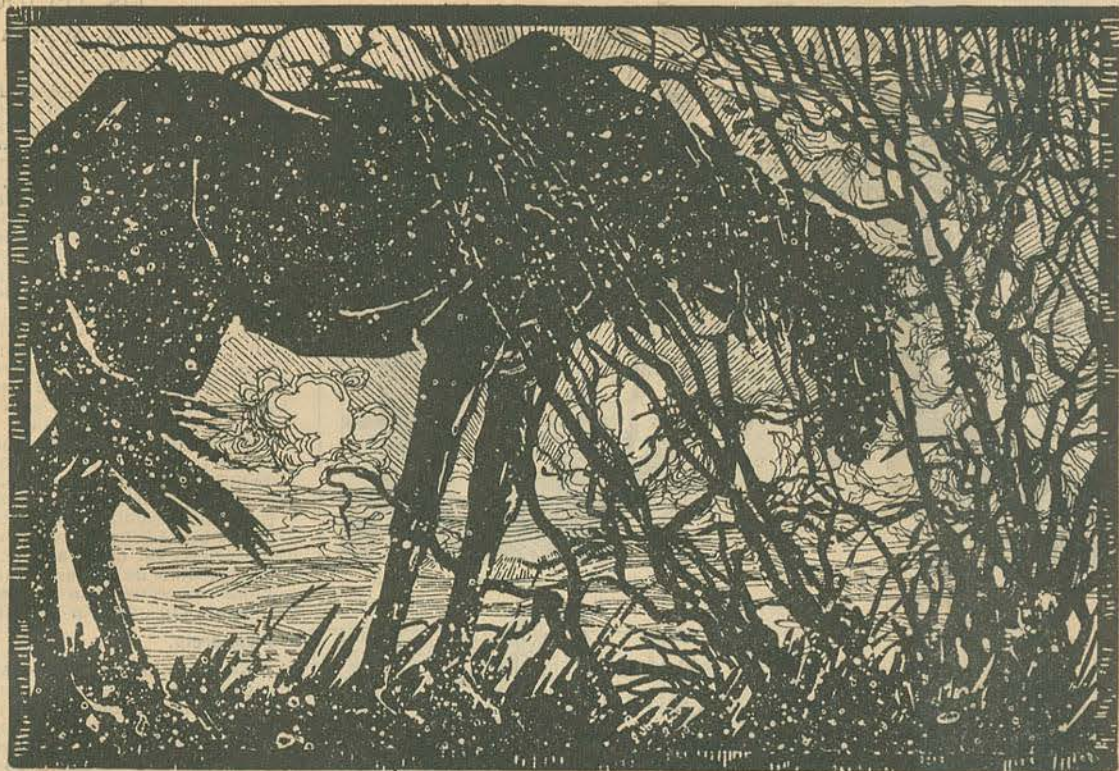
A mendicidade em Lisboa, exercida a toda a hora e por toda a parte, tem provocado no *Seculo*, edição da noite, uma serie de artigos sensatissimos, onde a chaga se põe a nu e o remedio se indica, para ser applicado com urgencia. Uma cidade civilisada, diz-se n'um d'esses artigos, não tem mendigos. E' uma verdade que os poderes publicos devem ter sempre presente e que alguns portugueses illustres tive am ensejo de verificar ha anos, por occasião d'um congresso scientifico na capital d'um paiz do norte da Europa: os congressistas, na despedida, quizeram entre ar ao presidente do municipio uma avultada quantia para os pobres e aquele recusou-a delicadamente, com as seguintes palavras: — N'esta terra não ha pobres.

Não é a resposta do orgulho; é a da dignidade, que os povos devem presar acima de tudo.

O illustre romancista João Grave dá-nos uma maravilhosa ressurreição da côrte de D. Fernando, o inconstante marido de D. Leonor Teles, na sua *Paixão e morte da infanta*, recentemente publicado. E', artisticamente fantasiada, a triste historia de Maria Teles, assunto que tem tentado alguns outros escritores de nome, no romance e no drama, mas que só agora, na nossa humilde opinião, achou a sua forma perfeita, no talento do auctor de *Os famintos*, pelo estilo proprio, investigação tanto quanto possivel segura, atraente e fabulação dos episodios secundarios e riqueza descritiva.

Com este belo livro recebemos o estudo biographico de Pestalozzi, sob o mesmo titulo, de Jorge Malsé, traduzido com extrema correcção pela sr.^a D. Alice Varela Lavrador, com uma carta preaciosa, do distincto professor Arlindo Varela. E' obra que todo o educador deve adquirir e que todos os pais hão-de ler comovidamente.





A UM CAVALLO ABANDONADO

MARTINS
FONTES

VIAJANDO, certa vez, pelos sertões do sul,
Quasi á noite, no inverno, em pleno descampado,
Encontrei um corcel, em decrepito estado,
Velho e cego, a beber a agua vil de um paul.

Fria, a cinza do ocaso opalisava o azul,
E ao sól eu comparei esse heroe desgraçado.
A mim me pareceu ser um rei destronado,
Esse poeta que fôra a elegancia taful.

Sotri, sentindo a idade infamar-lhe a grandesa,
Chorei, ao contemplar a olimpica belesa,
A alma de um deus pagão no corpo de um faquir.

Com horror do meu tempo, eu soluçei, pensando
Em Don Ruy de Bivar, Oliverio e Rolando,
Companheiros de ideal desse irmão do Rei Lear!

OS TECIDOS DA MODA



Péron

Lelong

Rolande

Paquin

Renée

Sarja.

O vestido direito de sarja é ainda muito favorecido pelas mulheres elegantes e os «couturiers» rivalisam entre si na busca de modelos.

A «souples «toilette» de dia, em sarja azul escuro, de Péron, tem mangas originaes e estreitas tiras de bordado encarnado a guarnecel-a. A saia aberta de um lado, deixando antever um «panneau» de setim azul, tem como «efeito um cordão dourado, que corre por dentro da bainha da blusa. Lelong creou uma pitoresca «toilette» de passeio, com duas saias, uma preta e a outra verde vivo e branco. A gola e os punhos são de pele p.eta.

Roland põe, na sua confecção de sarja azul, a nota distintiva de debruados e cimo «cires», enquanto que o «tailor» preto de Paquin apresenta a saia moderna e a blusa levemente franzida e descida na cintura.

O modelo de Renée é de cheviote «marron», com a linha natural da cintura bem definida.



Madeline et Madeline

Jenny

Dauillet

Rolande

Madeline et Madeline

Pano preto.

N'este momento está-se usando muito um pano preto usinado. Madeline & Madeline apresentam um modelo delicioso, n'este tecido, enfeitado com motivos bordados a lá e missanga azul «royals». O modelo apesar da sua simplicidade e excessivamente «smart» com o corpo completamente liso, abotoado até à gola, alta e original. O es.reiro vestido de Jenny, no mesmo tecido preto, apresenta as ultimas novidades da moda na saia, em especial, lã e comprida e es.rolta e abertura em V nas costas. Dauillet apresenta um vestido enfeitado com seda «ceris» e bordados dourados. Uma «toilette» de comp.lica tunica, «signée Rolande», distingue-se pelos profusos pespitos e numa estreita cinta que passa por debaixo de uma secção da tunica, apresentando um curioso contrast. e ao modelo de Madeline & Madeline, em pano preto com cimo muito largo, guarnecido de galões pretos.

Crêpe de Chine.

Poucos tecidos foram tão graciosamente acolhidos como o crêpe na estação actual, a sua voga continuará decerto pelo verão fóra.

Mardal e Armand escolheram este vaporoso fabrico para uma «toilette» de visita, n'um lindo tom de coral, guarnecendo os «panneaux» da saia com «gazelles». O modelo de Roland apresenta uma saia com «panneau» finamente plissado e com corpo de feltro original. O cinto é do setim «cires» actualmente tão favorecido. Chanel provoca comen.rios entre espiritos conservadores, mas consegue agradar aos ultra-chic, enfeitando o seu modelo preto com galão verde vivo. O corpo é debruado na mesma cor.

Worth creou u. na «silhouette» novan'um vestido de «crêpe» gris bordado, com uma blusa larga, guarnecida com «petit-gris».

Nas corridas foram vistas muitas «toilettes» em «crêpe» da China, entre as quaes recordamos ter admirado um lindo modelo bordado, que se assemelhava a um casaco.



Martial et Armand

Rolande

Chanel

Worth

MODAS PARA TODAS AS HORAS DO DIA

Taffetás

Quando surgirem hesitações sobre a escolha de ter do para uma bonita «toilette», aconselhemos a mulher elegante, de preferência, a ota feita. A Casa Long contencionou um modelo «chiffon» de tafetá cor de cereja. A saia tem as pontas de iguais, tanto em voga, imprimindo-lhe uma nota plorosa, a guarnição de flores.

A ampla saia rodada, estilo de 1830, de Martini & Armand, usada com um corpo apertado, com largo decote em bico, deve causar surpresa a Paquin, que apresenta um simples vestido do direito de setim preto bordado, cingido por uma facha de «Gorgette roses».

Jenny mostra-nos uma túnica «drapée» de tafetá preto sobre «crêpe de Chine» cor de coque e o modelo de Poiret, em estilo 1830, é em «taffetá» de reluzente renda de prata. Molyneux enfiteia uma «toilette» preta de jantar com uma magnífica facha verde e ouro.



Leiong

Martini et Armand

Paquin

Jenny

Poiret

Molyneux

Chiffon

Para «toilettes» de noite, é sempre recomendável o «chiffon». Tanto o tecido como a cor ganha muito com a luz artificial, prestando-se a confeccões simples ou de grande «toilette».

Drecol apresenta um vestido de baile rosa pallido acentuando-se este tom nas rosas que o guarnecem.

A «toilette» de noite de Miller Soeur, de «chiffon» violeta é artisticamente bordada a contos de cristal, caíndo ao longo do vestido em volta da fimbria recortada da saia. Para a ocasião gracil e eselta, Lanvin creou um corpete todo em pétalas de rosa pallida com uma saia num tom mais acentuado.

De Worth temos uma exótica «toilette» rosa, com bordado de prata e «pedra do Reno» sobre um fundo prateado. Uma «coiffure» de brilhantes e perolas completa esta ilusão oriental.

Um modelo de Rolande de «chiffon» preto, bordado a missanga de variadas cores, tem uns «panneaux» dos lados, mais corpidos do que a saia. Miller Soeurs combina «chiffon» «crêmes» com renda fina.



Drecol

Miller Soeurs

Lanvin

Worth

Rolande

Miller Soeurs

Renda

A voga da renda continua. Lanvin numa «toilette» que esboçou para Melle Jeanne Provost demonstrou que a renda espanhola presta-se admiravelmente às saias amulas e rodadas. A «cocarde» e as longas fitas pendentes são em rosa e «manue».

O modelo de gola alta de casa a Drecol, é de renda preta sobre uma saia de setim, apertada de forma a dar a ideia de calças, e guarnecida com tiras de «tades» e prata. Em outra «toilette» da mesma casa, a «drapée» em casa e largo folho da saia caem sobre outra saia estreita de «blondine crêpe de Chine». Em volta da cintura, um estreito cinto de «tulle» cor de castanha, vem cair até à bainha da saia.

Cheruit, num delicoso vestido para Elsie e Wolfe, apresenta uma combinação de «chiffon gris» e bordados prateados com diafanos rendas «gr s-argentés».



Lanvin

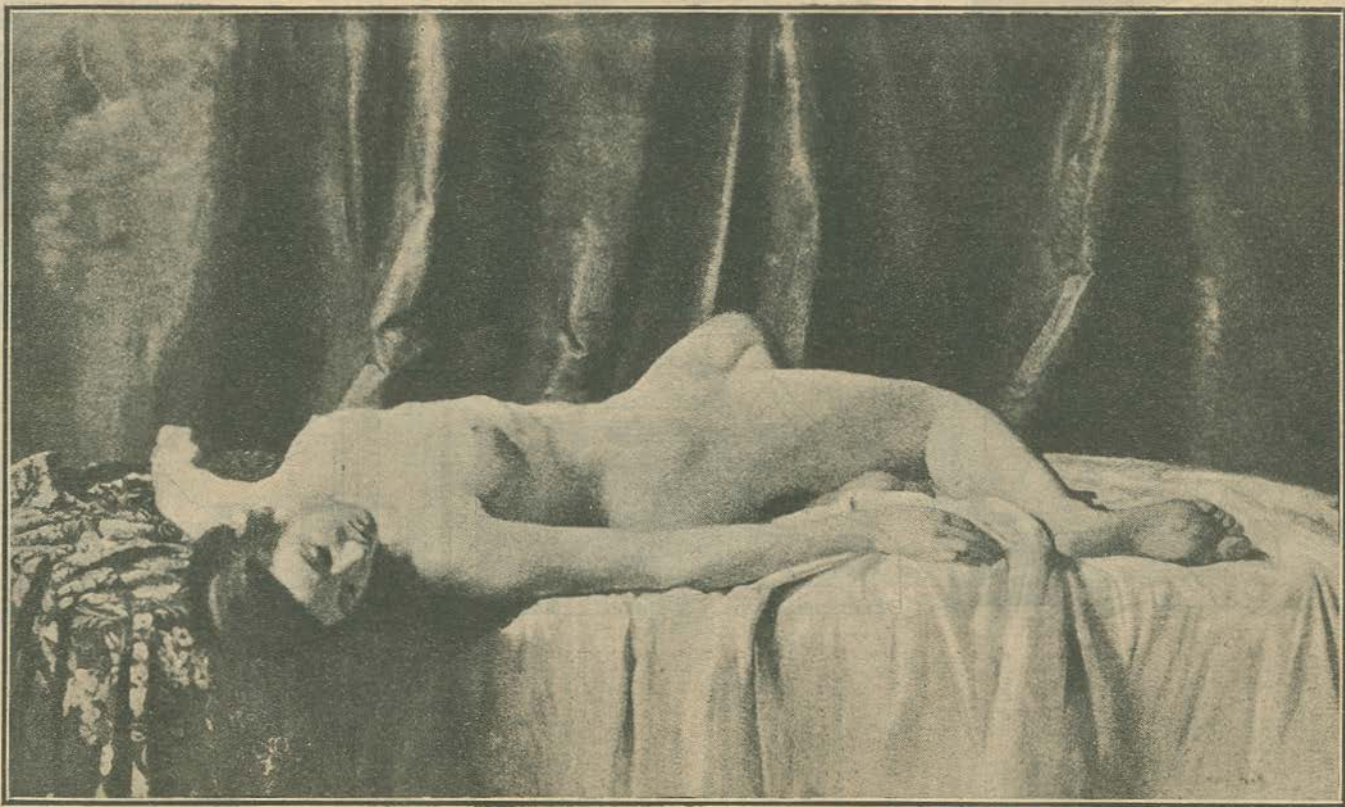
Paquin

Drecol

Drecol

Cheruit

NO "SALON" DE LONDRES—UMA EXPLENDIDA OBRA DE ARTE



«A SESTA», obra genial do pintor inglês Gerald Kelly, é um dos quadros que mais tem atraído a atenção do publico, na Exposição da «Royal Academy», de Londres.

Obra de arte notavel tem obtido a merecida consagração do publico.



femeninas

BIBELOTS, espelhos, laços, mil futilidades, enfim, cousas sempre lindas e tentadoras que a razão pratica despreza, mas de que a «coquetterie» não prescinde, prendem num encantamento a atenção da mulher.

E como não havemos de perdoar-lhe essa aparência de superficialidade do seu espirito, por assim saber descobrir e pôr em



relevo requintes de beleza desconhecida, em qualquer insignificancia desenhada pelos espiritos pretensamente fortes?

A mulher é tão gentil cerca de cousas lindas!...



A ARTE, A GRAÇA
E A BELESA EM PORTUGAL
E NO ESTRANGEIRO



RAHYRA DE SOUSA

POPULAR ACTRIZ PORTUGUESA, COM DOS SEUS PAPERIS FAVORITOS.

SPINELLY

A ARTISTA AMORADA PELO PUBLICO DE PARIS, ONDE É COMERCIDA
PELA PEQUENA VESTE E QUE ACABA DE FAZER UMA «TOURNEE» TRIUMFAL
PELA AMERICA



MISS. THELMA CARLTON

FAMOSA ACTRIZ AMERICANA, COMERCIDA PELA SUA FURBURA. A NOSSA QUAVUDA REPRESENTA-A NO SEU PAISEL
DA NOVA PEÇA «HER FAMILY TREE», QUE SO THEO LERICO DE NEW YORK TEM UM GR NDE SUCESSO



RACHEL DE BARROS

A NOSSA ACTRIZ QUE ULTIMAMENTE NO I OLYMPIANA OBTIVE OS ELOGIOS
DE TODA A CRITICA (Foto H. szil.)

NITA SYMENDS

INTERESSANTE E COMERCIDA ACTRIZ INGLESA
(Retrato oferecido á «Ilustração Portuguesa»)



A sr.^a D. Maria da Conceição Viana Homem Machado de Melo que acaba de se consorciar com o sr. Fernando Fizaric Cortez Sampaio e Melo. A concha de prata foi oferecida nos nivos pelo Sr. D. Manuel e a imagem de N. S. da Conceição é oferta de S. E. o Cardeal Patriarca.



VIDA OFICIAL

O novo commissario geral da Policia Civica, tenente coronel sr. Domingos Fatacho, no dia em que tomou posse do seu cargo.

O coronel sr. Victoriano José Cesar, novo comandante da Guarda Nacional Republicana, acompanhando até á porta o general sr. Correia Baixo, a quem foi substituir naquelas funções. O Sr. V. J. Cesar exercia o elevado cargo de comandante da 1.^a divisao do exercito. A posse foi muito concorrida, tirando a officialidade com o seu comandante um grupo para a illustração Portuguesa.

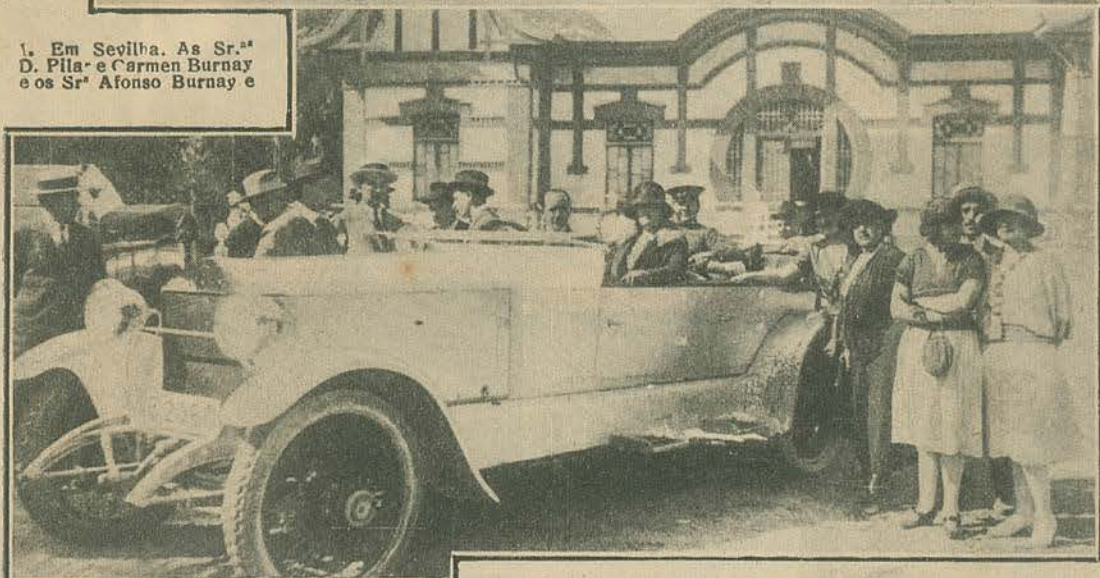


A officialidade da Guarda Republicana que no quartel do Campo assistiu á posse do novo comandante.



um passeio automobilista de Sevilha ao Gerez

1. Em Sevilha. As Sr.^{as} D. Pilar e Carmen Burnay e os Sr.^s Afonso Burnay e



Rafael Rugeroni. 2. O carro «Roll Royce» do Sr. Pickman que tomou parte



no interessante passeio. 3. Em Sevilha: Os excursionistas e «Las belas portuguecitas» Pilar e Carmen Burnay com o Sr. Rafael Rugeroni.

A Exposição de pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes

A exposição que na Sociedade Nacional de Belas Artes está patente ao publico não é, sem duvida, das mais felizes que nas salas do nosso palacio das exposições se tem realisado. Não é das famosas, nem pelo numero, nem pela qualidade. No entanto, ha trabalhos dignos de todo o louvor e para quem todo o elogio é pouco. Referimo-nos a Carlos Reis que teve as honras de chamar as atenções geraes sobre os seus tres quadros. São tres obras notaveis, tres trabalhos de mestre, os que Carlos Reis expôs. Alguns outros merecem destaque e entre eles estão nomes consagrados. A escultura, porém, apresenta-se notavelmente e a gumas gravuras que ilustram estas paginas o revelam.



1.—«O desfo», painel decorativo, por Carlos Bonvalot.
2.—«O Viras», por Henrique Moreira



3 «Recordando», marmore de Francisco Santos.—4. «Vagabundo», quadro de Carlos Reis.



1. — «Misterios», por Veloso Salgado.
2. — «Resignação», por Carlos Reis.
3. — «Fallerias», por A. A. da Costa Mota
4. — «Rosas de Todo o Anjo», por J. Maria José Rosa Rodrigues.
5. — «Maquette para o monumento ao poeta algarvio João Lucio», por Francisco Santos





Os srs. dr. Baptista Ramirez e Horacio Pimentel seleccionando uma cultura

PODER-SE-HA PROLONGAR A VIDA?

Metchnikoff, o sabio fisiologista e bacteriologista do Instituto Pasteur de Paris, depois de uma vida de trabalhos incessantes, conseguiu estabelecer o que era a morte. Sabendo-se que a morte é a consequencia final da degenerescencia celular, o problema seria pois, evitar que esta degenerescencia se produzisse ou, pelo menos, atenuar a sua marcha.

Dizia Metchnikoff que o seu primeiro trabalho seria procurar evitar a velhice precoce, o que consistia em relugar a morte para o seu periodo normal e, praticamente, em prolongar a vida por uma serie de anos, maior ou menor, em conformidade com o regimen de conservação que o individuo seguisse.

Sabemos que ha normalmente nos intestinos mais de 128.000 bilhões de microbios, segundo os calculos de Straesburger e que estes microbios dão origem a venenos como o acido sulfidrico, indol, escatol, acidos sulfo-conjugados, etc.; estes venenos vão pelo sangue ate ás celulas do organismo, acelerando a degenerescencia gordurosa das celulas nervosas do cerebro, da espinha e dos nervos e a arterioesclerose. Trabalham pois todos aqueles microbios na transformação mais ou menos lenta da obra perfeita da natureza. E' claro que, pelas condições especiaes da vida nos grandes centros e nos climas quentes, estas alterações se accentuam mais rapidamente e em virtude, não só do excesso de actividade intelectual, como pelo exagero de toxinas que produzem as digestões de alimentos não frescos, de conservas, etc., de que tanto se abusa.

de alimentos não frescos, de conservas, etc., de que tanto se abusa.

Como combater este mal? Foi o problema que Metchnikoff resolveu. O maior inimigo dos obreiros da velhice precoce é o bacilo bulgaro simples ou com a actividade exagerada pela associação em microbiase.

Para nos elucidarmos sobre o melhor meio de prati-

DESDE a idade media, em que os alquimistas procuravam ansiosamente o «elixir de longa vida», até aos tempos modernos em que os sabios, com bases scientificas positivas, continuam as suas pesquisas, todos os homens de ciencia tem tentado responder a esta pergunta, apresentando a solução que a humanidade aguarda anciosa, na esperança de melhores dias.



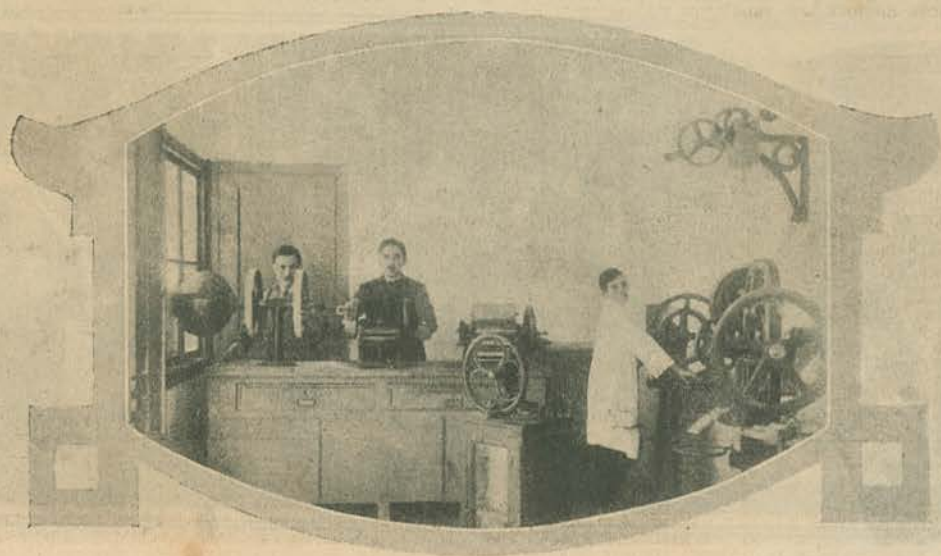
Aspecto geral dos laboratorios SANITAS (secção) da Rua de S. João Nepomuceno)



Pessoal fabril dos laboratórios SANITAS, entre eles o seu director, sr. Cortez Pinto, o sr. Horácio Pimentel e o chefe dos serviços fabris, sr. Antonio Pimentel

camente combater a velhice precoce, como sabíamos que em Portugal se trabalhava activamente n'este assunto nos estabelecimentos do Laboratorio Sanitas, procurámos o seu director, sr. dr. Cortez Pinto, no seu escritório da Travessa do Carmo. Proccurámos a navelmente a acompanhá-los ao edificio principal na Rua do Cabo e aos pavilhões da Rua de S. João Nepomuceno, onde se labora infatigavelmente na preparação dos batidões de combatentes contra aqueles obreiros da velhice precoce. E ali, conduzindo-nos ao pavilhão C (de bacterioterapia) poz-nos e n'acto com os distinctos bacteriologistas, sr. dr. Baptista Ramirez, professor de Microbiologia no Instituto Superior de Agronomia; Horacio Pimentel, director tecnico do Laboratorio, e dr. Candido Duarte, que nos mostraram os bacilos, ao microscopico, as salas de estufas, maquinas, etc.

Consultámos pois o sr. dr. Cortez Pinto, que nos disse: Hoje, a fim de não só combater as infecções intestinaes, mas para manter um regimen de defeza permanente e contra a velhice precoce, lesões das arterias e do coração, fadiga cerebral exagerada por autointoxicação e prisão de ventre, etc., deve-nos tomar diariamente 2 a 6 comprimidos de Lactosepubosina; com este simples regimen, evitamos as toxinas do intestino, conseguimos uma boa disposição para o trabalho e, por fim, conseguimos prolongar o nosso tempo de peregrinação por este mundo. Metchnikoff recomendára este regimen, de que usava largamente e hoje já muita gente, principalmente colegas meus, o usam, para si e para suas familias. Os doentes do fígado, rins e coração, deviam usal-a obrigatoriamente, pois passariam muito melhor e afastavam para longe, a crise final.



Uma das salas das maquinas

A TOURADA DOS ESTUDANTES DE MEDICINA EM ALGÉS



Um bandarilheiro famoso

Os estudantes de medicina realizaram em Algés a sua corrida anual. Foi o costume: mais trambulhão menos trambulhão. Enfim, a rapaziada deu o corpo ao manifesto com aprazimento geral de sãos e doentes, como as nossas gravuras mostram.

Um lance difícil...

ao manifesto com aprazimento geral de sãos e doentes, como as nossas gravuras mostram.



O «diestro» a quem acuberam as honras da tarde.



A ovação.



SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

O Seculo Comico

Propriedade de J. DA SILVA GRAÇA, Limit.*

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

Trapalhada Maritima do Estado



*N'um porto estrangeiro;
— Pelo amor de Deus, dê-me uma esmolinha para comprar carvão para o va-
por, a ver se nos podemos ir embora!*



PALESTRA AMENA

PALESTRA AMENA

O maravilhoso

Volta a estar na moda o maravilhoso, a transmissão do pensamento, a adivinhação, a prestidigitação e outras malignancias que dão de comer a certos ratões á custa de muitos ingenhos. Um cavalheiro chega a um palco, consente que lhe vendem os olhos, volta as costas para a plateia; outro, companheiro d'aquê, percorre as bancadas, vai de cadeira em cadeira pedindo aos espectadores que lhe mostrem um objecto qualquer, pergunta, de longe, ao vendado bruxo de que objecto se trata e o bruxo responde immediatamente:

—E' um lenço... é uma chave... é um relógio... é uma carteira, etc.

A plateia fica assombrada—e como nos encontrassemos, não ha muito, entre os espectadores, em certa ca a de espectáculos da capital e explicassemos o «misterio», racionalmente, ao nosso visinho de lado, este indignou-se com a nossa descrença e preferia a sua interpretação natural e verdadeira a patética da transmissão do pensamento.

Ora, não ha nada mais simples. O bruxo e o «compêre» tem decorado um grande numero de palavras, correspondendo cada uma delas a um objecto de uso comum e portatil, o «compêre» introduz na frase interrogativa a palavra decorada antecipadamente e o bruxo não hesita—responde com a maior segurança o pasmo geral. Exemplo: «Senhor» significa «lapis». O «compêre», agarrando n'um lapis que um espectador lhe entregou:

—Que me deu este «senhor»?

A resposta, já se sabe, é:

—Um lapis.

Outro, «Algebeira» quer dizer «relógio».

—Que tem este cavalheiro na «algebeira»?

—Um «relógio».

Ai está a maravilha. Quem duvidar pode fazer uma experiencia: não consinta qu o companheiro do cidão vendado faça a pergunta ou exija que ele a faça, não como lhe aprouver, mas nos termos que o espectador lhe indicar e verá como a marosca se desquebra logo.

Em tempos assistimos a outro milagre, n'um teatro d' provincia; foi o seguinte: o prestidigitador entrava na plateia, de espada na mão e com a ponta da espada acendia seis ou mais velas que se achavam nos respectivos castiçais. Houve um grande ah! admirativo e como ventassemos a ideia de que cada pavio de vela tinha um bebedinho de massa fosforica e de que a ponta da espada estava aquecida a alta temperatura, quiseram pôr-nos fóra da sala, por descrentes e estupidos.

Outra vez vimos que o prestidigitador colocava sobre uma mesa triangular uma caixa vazia; abria a caixa e sur-

ti uma cabeça, como que decepada, porque o resto do corpo a que ella pertencia não estava visivel. Então, não estivemos com explicações inuteis; agarrámos n'uma moeda de 5 réis e arremessámos-a contra os lados da mesa, batendo n'um dos espelhos que, reflectindo o papel das paredes do palco, davam ao espectador a illusão de que a mesa era ó a.

A gargalhada foi geral, o homem da «beça-falante» foi corrido e nós apressámos-nos a ir aos bastidores pedir perdão da diabrura, arrapendidos e jurando não nos tornarmos a meter noutra.

Era o ganha-pão do desgraçado e, que diabo, tanta gente o ganha menos honradamente do que os pantomineiros dos coliseus!

J. Neutral.

Tragedias comicas

Um jornal tido por serio inaugurou um dia destes, a proposito dum assassinio, a reportagem tragi-comica, com excelente resultado, qual a de amenisar as cruzeiras da vida e dulcificar as suas «marguras», como nos velhos dramalhões se entremecavam as scenas de terror com a farça.

Ai vão alguns modelos, para futuras noticias.

Morte engraçada

Ha dias F., um gebo de 60 anos, casado com uma pécega de 20, encontrou a pondaga da esposa com o primo, em amoroso colloquio. Não se teve com meias medidas, o marido atiraçoado: a rir perdidamente, disparou sobre os



dois gentis pombinhos, que se rebolaram comicamente pelo sobrado, em cabriolas ultra-chistosas, farados por bolas quem sabe se em sitios melindrosos...

Os alegres cadaveres foram removidos para a Morgue, onde contum veranear.

Incendio-parodia

Hontem entre as 10 e as 11—hora da bebedeira—uma ponta do cigarro teve o bom gosto de pegar fogo no armazem de fazendas do sr. X., que tem uma sorte de todos os diabos.

O lindo espectáculo prolongou-se por muitas horas, porque a agua das bôcas de incendio não es' teve para apparecer, de modo que os haveres do supradito X. arderam todos, felizmente, e como não estavam no seguro o dono acha-se satisfeitissimo.

Nas chamas pareceram a esposa e tres filhinhos do sr. X. e isso foi o mais engraçado da historia.

Infanticidio... e peras

Como a sr.^a Z. tivesse tido a extravagancia de dar á luz um raio d'um peiz sem pai conhecido, como as subsistencias estão pelos olhos da cara e a Z. não possuia o sufficiente para viver ella sózinha, quanto mais o trambolho do garoto, resolveu apertar-lhe o gorgomilo o que obrigou o criança a deitar a lingua de fóra e a partir d'esta para melhor. Fez ella muito bem.

Musica do futuro

Estão fazendo furor nas orquestras parisienses as dissonancias de paus batendo uns nos outros e outros modernismos que os americanos, sempre inventivos, tem introduzido ultimamente na musica. O exito tem sido estrondoso, na capital do mundo civilisado, pelo



que se reconhece que isto de harmonia é melodia não passava d'uma reverendissima treta; o batuque selvagem está evidentemente muito mais perto do que deva ser a musica, do que a «Carmen», por exemplo.

Ha quem diga que o Wagner tinha previsto o mesmo, mas seja como fór, o que é certo é que a natureza, a sabida dos sabias, não fez pianos, rabecas, saxofones, etc. etc., mas fez os regatos, o vento, as cigarras, que produzem ruidos encantadores, no dizer de todos os poetas.

Cada passo, pois, dado para a frente, é um passo dado para traz. Tomáramos já andar de tanga!

Correspondencia

L. S. (R. PASCOAL DE MELO)—Temos visto basta malcriadas, mas d'essa força é a primeira. Vá dar coices á familia, seu burro.

X. PINTO—Porque não aprende a escrever portuguez? Verá que não é diffil.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa du mê curasão.

Nau, cel se te diga se te conte cuma noite di estas fui intá ó triato Avenida ver uma pess: xamada a «Soubra» cuja esta tamen levantou grande questã como o «Pescador de perulas» por oitra, a «Soubra» se de arrepetir com a «Soubra» du Nicodemos u reclamo da «Ela ola de cocotia» a ver se tamen pozavam as bixas i vai dai cartas prá Intalia i da Intalia para cá a dezerem cu pessa pretens'a ó Mindonsa oitros ó Luiz Preira i u guvernador cevil metido en dansas cen çaber u cavia de fazer caudonisto u Carlos Brojes mette uma grande cuha i u Mindonsa arreprenta a pessa i nu dia ceguinte o Luiz Preira a presenta u tolegrama p ll s fios du telefo lá da Intalia dus oitros a prutestar mas tarde piaste ca pessa já estava arreprentada nu Avenida i pur cinal que me paresse que nau valla muito a penna andar pra cá i pra lá cun cartas i tolegramas porque a pessa ven a cer canto a mim princepalmentes un caso médeco i tudo u



mais ção assessorios sin inpuriansia de maior cujo caso é a sr.^a Maria Matos istar á 6 anos parliteca numa pelintronna sem rodas caquillo deve dar un travallho toudos os dias a andar in xarola da çala pró quarto i du quarto prá çala i intão vem u João Lopes que é levado dus dianhos prá dnensas du utro i nan ce sabe como vem ele a sr.^a Maria Matos mexe prumero uma mão i ós pois oitra i fleca touda admirada a ulhar prá s mões i ós pois u João Lopes diz alevantate i caminha como aquillo de jasus cristo i du lazro i ella alev ntase i caminha infetivelmente i ós pois sabe cu bregreiro du marido tem un filho cem cer dela i cunformase porque já ce çabe cun ome nan é de gesso i ninguem diga desta anga nan bubrei i cun isto nan te infado mais i esculpa nan cer mais istenso pur cós da carstia du papel i as minhas pra contigo có á vista terão fin arussebe çoidades mémo cá de dentro deste ca vida te deseija i mail ós noços caxopos i a touda a uvrigassão i na te isquessas tamen de dar çoidades ós bacros có tempo que ção bacros já devem istar porcos benzós

EM FOCO

O pintor Eduardo Viana



*Diz-me um amigo certo, e não duvido,
Que é pintor com multissimo talento;
N'um dia em que me encontre pachorrento
Irei ver, se não sou intrometido.*

*Na mirra qualidade de entendido
Então direi do seu merecimento;
Por agora, vai este apontamento
Que pelo tal amigo foi pedido.*

*E fique já sabendo, por cautela,
Que não me satisfaz n'uma pintura
Senão a obra realmente bela.*

*Tenho bom olho e criti.a segura;
Cá para mim a mais formosa tela
E' a que possuir melhor moldura.*

BELMIRO.

dens i a mim me nan desinpara amen jasus maria indé teu pra compre inté quando dens quixer.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama
de Peras Rulvas.

LOGARES SELECTOS

I

Não ha nunca amor perfeito
Sem tortura e sem cuidado.
Amar é ter Dens no peito,
Ontra vez crucificado...

II

Solteirinha é bom que agrade
Mas com virtude na graça...
Seja uma poria de grade,
Vê-se tudo — e não se passa.

III

Se eu fosse as pedras morenas
Lá da serra adonde estás,
As pedras seriam penas,
As penas que tu me dás...

IV

A galera «Mocidade»
Que eu levei a correr mundo
Foi ao fundo, foi ao fundo,
No mar largo da saudade!

V

Amor fundo sofre e cala
Se tens o affecto d'alguem,
Não lhe esentes só a fala,
— Onve o silencio tambem...

VI

Má lingua de chafariz
Billas cheias, já se cala,
Deixa lá dizer quem diz!
Deixa lá ialar quem fala!

VII

En tiroi-te o meu chapen,
Depois falámos a medo.
Quanto ao mais que acontecen
Não conto, porque é segredo.

VIII

São os dois peitinhos dela
Outeiros de lindo cume,
Trago lá de sentinela
Num o amôr, noutro o ciume...

(DE AUGUSTO GIL)

São de gesso

Sobre uma poria das salas do Congresso foram agora colocados, para ornamentação—pois para que haviam de ser?—dois leões, os quais, segundo noticia um reporter, são de gesso.

Adivinha-se que o maroto tem sincera pena de que não sejam de carne e osso, como qualquer de nós, para po-



derem intervir eficazmente em certas occasiões.

Pois nós, não levamos tão longe a maldade, ou antes, os desejos de justiça; em vez de leões contentarmos-nos com cães de fila, que fincassem a dentuça nas carnes posteriores dos pais da Patria, quando estes dissessem asneiras de maior.

Em flagrante



Aspectos de Lisboa, nas diferentes horas do dia.